
3.1.6 Uso dos espaços

Os demais temas observam os elementos mais permanentes das configurações espaciais. Este abre o campo para a observação também dos dinâmicos ao focalizar a apropriação da estrutura espacial pela coletividade, seus marcos afetivos e culturais. O mapeamento dos usos tem a finalidade de fornecer elementos para a futura estruturação do espaço, seja para consolidá-los ou impedi-los, restringi-los ou normalizá-los, conforme se apresentem como problema ou potencialidade.

O registro tem início nas diferentes concentrações de usos das edificações, como a localização dos principais equipamentos urbanos do assentamento e do entorno que promovam afluxos significativos das pessoas da comunidade: espaços públicos ou semi-públicos de uso coletivo, seu funcionamento, usos e área de influência; o grau de estruturação e conservação; grau de vitalidade ou deterioração.

Em seguida, são observadas as interligações e o estado de suas materializações. Os obstáculos e as interferências na dinâmica de deslocamentos são apurados. O mesmo tratamento, ou seja, identificação e delimitação, recebe as linhas ou campos de atrito entre diferentes usos que, via de regra, ocasiona conflito, transtorno e até mesmo risco para a população. Os pontos de convergência, as centralidades, quando existem, além de localizados, têm examinadas as atividades das quais são o suporte. Outras buscas são igualmente importantes: em que local brincam as crianças? Onde se encontram os jovens e que atividades desenvolvem em conjunto? Não raro, estas investigações deparam com o triste confinamento de grande parte das crianças e a desolada visão do mundo fora da ordem onde grande parte dos jovens foi capturada.

Os vazios na estrutura e os potenciais que representam também são objeto de análise. Este veio analítico contribui decisivamente para a formulação do programa de necessidades de uma intervenção urbanística.

Em Paraisópolis, defrontamo-nos com o seguinte quadro:

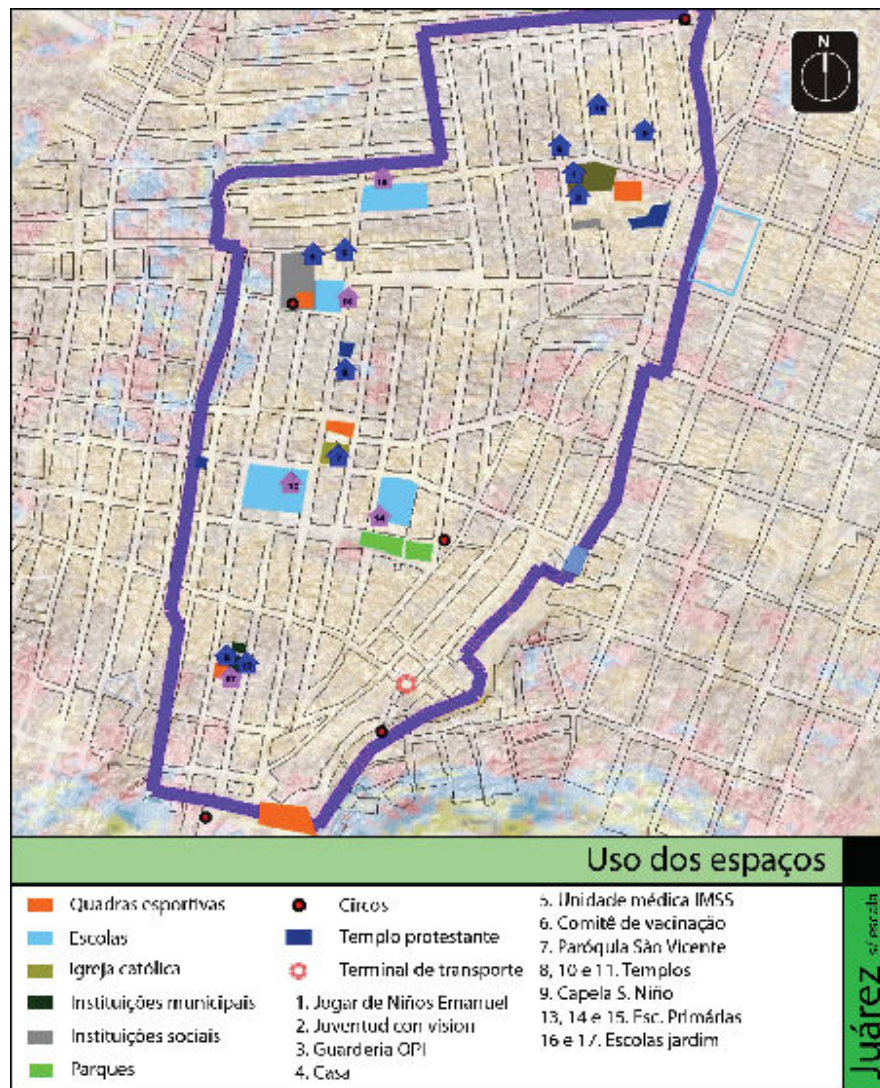
A observação do Mapa de Usos torna evidente o predomínio do uso residencial, principalmente no interior dos quarteirões, enquanto o uso misto, bastante expressivo,

ocupa as faces das quadras. O uso institucional se dispersa ao longo do viário estruturante sem que forme uma concentração notável no território.

O comércio local é forte, dinâmico e expressivo suprimindo o consumo de bens e serviços básicos com destaque para um relevante mercado de materiais de construção que fornece a matéria prima para a produção da autoconstrução. Esta atividade intensa dá lugar a uma centralidade local plena de vitalidade que, por sua vez, atrai um desordenado fluxo de veículos, coletivos inclusive, e de pedestres, provocando freqüentes conflitos de circulação. O sistema de espaços públicos legalmente estabelecidos se apresenta unicamente em forma de vias. Não existem praças, parques, pátios ou qualquer outra expressão importante desse sistema urbano, ainda que um tipo de espaço de uso coletivo consagrado e informal represente 1%, da área total de Paraisópolis: os campos de futebol do “Palmeirinha”, o campo localizado na área, junto ao Grotão, o campo localizado na rua Silveira Sampaio.

Bares e “forrós” estão instalados em todo o assentamento, independente de estarem ou não em áreas isoladas. Em geral, possuem um intenso uso e marcam um traço cultural da população.

O uso compartilhado da Praça Senador Otávio Mangabeira é objeto de conflito entre o bairro e o assentamento. As crianças brincam, em geral, nos exíguos espaços e, não raro, em áreas de alta insalubridade, junto aos córregos contaminados por esgoto e junto ao lixo, acumulado nas vielas e becos. Para evitar que corram riscos de doença e de atropelamento, os pais as mantêm enclausuradas nas próprias casas. Não existe vazios, a não ser nas franjas do assentamento, terrenos particulares e cercados onde, ainda assim, são observados, usos extensivos de atividades domésticas: varais de roupa, jogos e brincadeiras de crianças menores, entre outros. A inexistência de espaços públicos especializados, e ainda as altas densidades que fragmentam os espaços privados em partes minúsculas, faz com que a maioria dos usos coletivos desenvolva-se sobre o sistema viário fato que, embora gere alguns conflitos de função, faz das ruas principais um espaço privilegiado de encontro, estar, lazer e jogos de todas as idades da população. Este acúmulo de funções dá ao espaço público da rua um permanente fervilhar de atividades e pessoas.

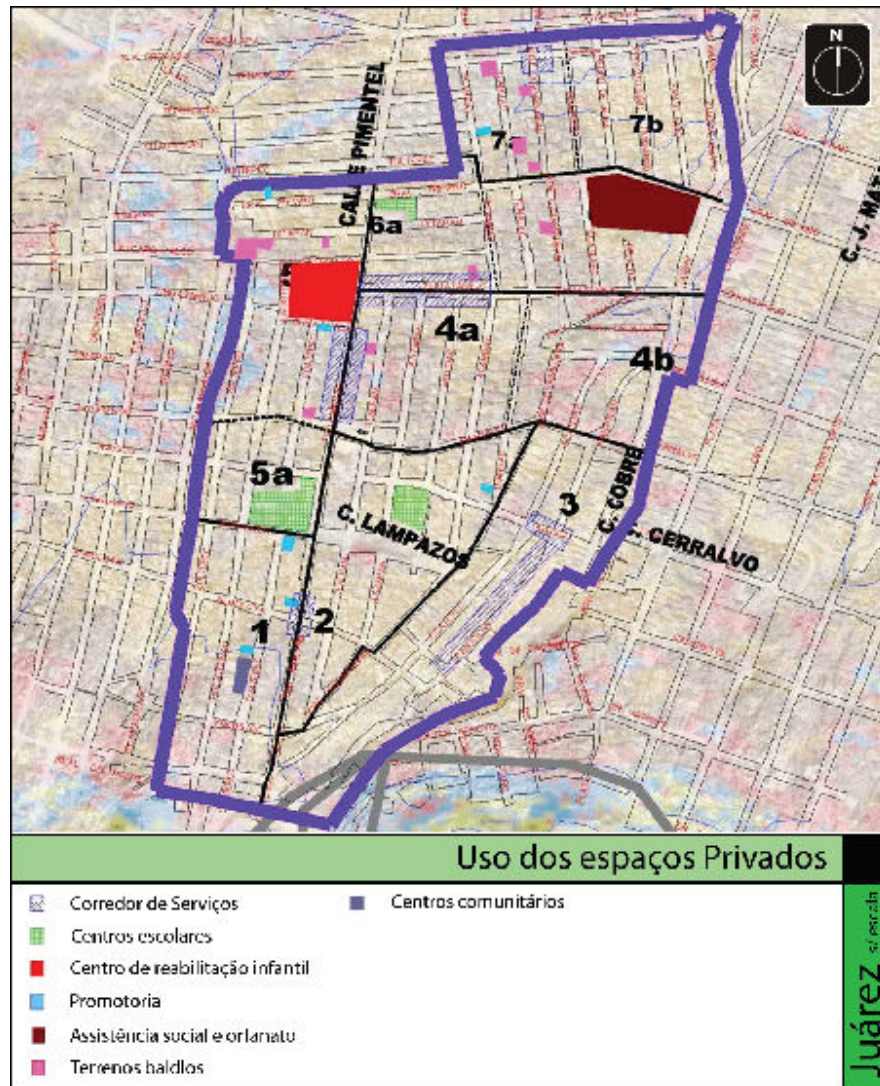


Fonte: IMIP – Instituto Municipal de Investigación y Planeación. 2000.
Sem escala.

No Sector Casa, onde também predomina o uso residencial do espaço privado, atenta-se ainda para as seguintes características:

O espaço público predominante na zona é a rua. O uso varia de acordo com a condição física das mesmas: transitar, reunir-se, brincar, venda de artigos usados e outros.

Existem três parques que são usados pela comunidade para o lazer: o parque *La López*; as quadras da *CASA*; o parque da *Joaquín Amaro*.



Fonte: IMIP – Instituto Municipal de Investigación y Planeación. 2000.
Sem escala.

Outros espaços que se consideram públicos é o leito dos arroios onde existem pontos utilizados como pequenos enclaves para reunir-se a conversar para brincadeira das crianças fora das ruas.

O funcionamento dos espaços de uso coletivo, é definido pela setorização social dos bairros. Em segunda instancia o define a possibilidade de acesso, quer dizer, proximidade, caminho direto, etc.

Devido às condições de acessibilidade, os pontos ou núcleos onde se concentram os equipamentos e centros de reunião da comunidade, cada um destes centros, está de algum modo especializado.

Núcleo CASA.- Jardim de infância e creche, Centro de promoção juvenil, área desportiva e praça infantil.

Núcleo *Emmanuel-Juventud con Visión*.- Entre as instalações estão: quadras de basquete, salões, biblioteca, sala de computadores, área livre.

Núcleo *La López*.- Agrupa várias quadras, as instalações das escolas primárias Chihuahua e Isabel Talamás; a paróquia *San Vicente de Paul* y e suas quadras de basquete canchas; parque infantil «López», um campo de futebol cancha. Está próxima de um terminal de transporte público.

Núcleo *Centro Comunitario López*.- clínica do IMSS, posto de Policia Comunitária, salas para distintas capacitações, uma quadra de basquete.

Existem ainda núcleos menores distribuídos pelo assentamento.

As atividades de comércio e serviço não exercem um papel representativo nos usos dos espaços privados.

Mais uma vez evidenciam-se contrastes entre as duas áreas de estudo, em parte justificadas pela própria estrutura espacial. No *Sector Casa* a existência oficial de parques é secundada por uma série de espaços livres alternativos onde as atividades de lazer são exercidas de forma não-estruturada. Os parques e demais locais mencionados, ainda que não passem de espaços não-aparelhados, representam um grande potencial numa perspectiva de intervenção já que demandariam apenas o custo de equipá-los para a função. Em Paraisópolis, a função de lazer só poderá ser instalada pela conquista de espaços livres nos arredores ou pela verticalização de setores internos, artifício que, potencialmente, liberaria espaço no território para outras atividades: soluções de alto custo ambas tendo em vista o alto valor dos terrenos na região cobiçada pelo mercado imobiliário de alto padrão.

Paraisópolis carrega em sua estrutura uma forte concentração de usos diversificados de comércio e serviços, uma real e dinâmica centralidade em franca expansão. O *Sector Casa* conquanto esboce algumas nucleações, estas possuem um

caráter bem diferente. O que as define é a reunião das instalações de alguns serviços públicos ou de assistência prestada por organizações não-governamentais que, apesar de atrair fluxos da população, ainda assim não congregam atividades comerciais ou de serviços significativas. Localizam-se em pontos distantes e desarticulados e até mesmo isolados. A atividade comercial dispersa em pontos afastados é bem pouco significativa tendo em conta a extensão e a população da zona.

Um dos fatores que mais oprime a população é a necessidade de grandes deslocamentos em condições adversas, cuja origem está na dispersão característica do modelo de ocupação estendida aposta a uma base geográfica acidentada, desértica e de solo desagregado, em direção a núcleos pulverizados, especializados e distantes entre si, sob um clima seco e realmente rigoroso que alterna temperaturas escaldantes com o oposto enregelante, concorrendo ademais, os ventos do deserto que sopram sobre a cidade, arrastando e alçando do solo todo pó existente.

Tudo isso contribui para descarregar o espaço de vitalidade, imprimindo à paisagem traços marcantes de desolação, solidão e desamparo.

O modelo estendido de baixa densidade filtrado das cidades americanas desenhadas para o automóvel, tão diferente dos pequenos *pueblos* da região, representa para o cotidiano da pobreza local algo tão pernicioso quanto as densidades asfixiantes das favelas paulistanas.

A seguir, mapa Espaços Privados – Usos e Espaços Coletivos – Usos, de Paraisópolis: